

Literatura e escola: a formação do leitor no Ensino Médio

Profa. Dra. Ana Cristina Coutinho Viegas (CP II)ⁱ

Resumo:

A experiência com o texto literário pode não apenas tocar emocionalmente o leitor, como também favorecer um pensamento crítico acerca de questões éticas, políticas e ideológicas, além de levar a uma análise das estratégias linguísticas de construção desse texto. Diferentes modos de ler literatura podem e devem ser experimentados desde os primeiros anos da Escola Básica, visando à formação de um leitor autônomo. As práticas de leitura na escola, entretanto, não vêm obtendo sucesso no que se refere à formação desse leitor. No Ensino Médio, a sistematização do ensino de literatura, calcada na manutenção do perfil historiográfico e na leitura de fragmentos de obras canônicas apresentados nos livros didáticos, pouco tem contribuído para a formação de jovens leitores do texto literário. A partir do conceito de letramento e da leitura de alguns documentos oficiais, este trabalho discute possíveis rumos para o ensino de literatura. Além disso, ressalta a importância do fortalecimento do diálogo entre a Universidade e a Escola Básica, uma vez que a formação inicial e continuada do professor constitui ponto central para essa mudança.

Palavras-chave: letramento – ensino de literatura – formação continuada

1. Introdução

Em seu livro *Introdução à historiografia da literatura brasileira*, o professor Roberto Acízelo de Souza apresenta um estudo do processo de institucionalização da literatura brasileira pela análise dos programas de ensino do século XIX do Colégio Pedro II, estabelecimento fundado em 1837, sob o patrocínio direto do imperador e destinado a servir de modelo para um sistema educacional a ser implantado no país. O Colégio Pedro II era uma instituição de ensino médio, destinada à formação de bacharéis em um período de sete anos. Como não havia no país curso superior de Letras – situação que persistiu até 1934 –, o colégio acabava preenchendo essa lacuna.

De acordo com o referido estudo, apenas em 1892 se consumou o processo de institucionalização da literatura brasileira no currículo escolar. O ensino literário passou a ser ministrado em uma única série, sendo representado exclusivamente pela disciplina história da literatura nacional. Além do próprio nome da disciplina e da presença amplamente majoritária no programa de tópicos da literatura brasileira, outro sinal de sua institucionalização era o livro adotado: *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero (SOUZA, 2007).

A pesquisa desenvolvida por Márcia de Paula Gregorio Razzini também tem como *corpus* os programas de ensino do Colégio Pedro II. Além de destacar as relações entre a institucionalização do ensino de literatura e o projeto nacionalista do século

XIX, mostra que, durante décadas, a leitura dos textos literários tinha como um de seus objetivos aprender a escrever com os escritores consagrados, ou seja, tratava-se de uma estratégia de ensino da língua portuguesa (RAZZINI, 2000).

Se, em fins do século XIX, a institucionalização do ensino de literatura se pautou no projeto de consolidação de uma identidade nacional e as histórias da literatura buscaram construir um cânone literário brasileiro, faz-se necessário discutir a relevância da formação literária para a formação linguística, estética e humana de crianças e jovens do século XXI, especialmente no que diz respeito ao Ensino Médio, segmento da Educação Básica em que se dá a sistematização do ensino de literatura. Essa sistematização tem sido operacionalizada através do estudo das escolas literárias, modelo que há algum tempo dá sinais de esgotamento. Periódicos com dossiês sobre o ensino de literatura e o aumento do número de trabalhos sobre o tema apresentados em congressos constituem alguns exemplos da preocupação com a busca de alternativas para essa prática pedagógica. A formação do professor e o livro didático constituem os dois pontos centrais para a dinamização do ensino de literatura. Esta pesquisa se detém no primeiro, considerando principalmente a formação continuada.

2. O letramento literário no Ensino Médio

A experiência como docente e como pesquisadora mostra que a escola tem obtido muito pouco sucesso no que se refere à formação do chamado gosto literário. No campo da avaliação, testes e provas já se mostraram instrumentos inócuos para a solução dessa empreitada. Atividades como rodas de leitura, contação de história, leituras dramatizadas de poemas entre tantas outras realizadas no espaço escolar, sob a orientação dos professores, têm-se mostrado muito mais eficazes, principalmente no que se refere aos textos clássicos, os quais exigem um leitor mais sofisticado e perspicaz.

Recorrer aos documentos oficiais não ajuda muito o professor em busca de alternativas para alcançar aquilo que Magda Soares chama de uma “escolarização adequada da literatura” (SOARES, 2011). Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (1999), por exemplo, integram o texto literário às práticas de leitura e escrita lado a lado com gêneros que se produzem em outras esferas como a científica e a jornalística. Ao mesmo tempo que parecem retirar a literatura de um lugar sagrado e, assim, apontam para um movimento de democratização da leitura do texto literário, parecem desconsiderar as especificidades desse texto. Entendem o estudo da gramática como uma estratégia para a compreensão, a interpretação e a produção de textos e integram a literatura à área de leitura.

Publicadas em 2006 pela Secretaria de Educação Básica do MEC, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio partem do conceito de letramento proposto por Magda Soares – “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2004, p. 47) e, por extensão, concluem que se pode pensar em letramento literário como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler o texto literário, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o. Sendo assim, o conceito de letramento é bastante pertinente para os estudos literários, desde que não se perca de vista o fato de que a literatura possui especificidades que a distinguem de outros tipos de escrita. Tomando para si as rédeas da discussão sobre o ensino de literatura na Educação Básica, os professores responsáveis pelo capítulo dedicado à literatura nas Orientações Curriculares se preocuparam em destacar esse aspecto fundamental para o trabalho com o texto literário.

Ainda segundo as Orientações Curriculares, o ensino de literatura nas séries do Ensino Fundamental se caracteriza por uma formação menos sistemática e mais aberta do ponto de vista das escolhas dos textos pelos professores, visto que há uma mistura indistinta entre a chamada literatura infanto-juvenil e a literatura considerada canônica. Apenas no Ensino Médio se adota a perspectiva historiográfica.

É importante ressaltar, portanto, que a ruptura na passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio não se restringe à sistematização dos conteúdos, mas atinge também a própria escolha dos textos a serem lidos. A formação do leitor no Ensino Fundamental está repleta de ficções de ação e de aventuras, além de um grande número de crônicas de escritores contemporâneos. Na primeira série do Ensino Médio, levando em conta a cronologia das escolas literárias, o professor passa a apresentar textos barrocos e árcades. Primeiramente, é preciso que o aluno perceba a relevância dessa leitura para um jovem do século XXI. Essa relevância talvez seja capaz de justificar todo esforço empreendido para o entendimento desses textos.

Retomando o conceito de letramento de Magda Soares, podemos inferir que este constitui um fenômeno muito mais amplo que a alfabetização e que não se limita ao espaço escolar. Certamente a escola vem a ser um lugar privilegiado onde se efetuam práticas de letramento, porém essas práticas estão muito ligadas a um tipo de letramento. No caso da literatura, esse tipo de letramento inclui uma lista de autores e obras a qual se mantém praticamente inalterada há muitas décadas.

Em seu artigo Modelos de letramento literário e ensino de literatura: problemas e perspectivas, Mirian Zappone identifica outros contextos em que podemos observar práticas de letramento literário que têm sido pouco explorados pela escola e, em alguns casos, pelas próprias pesquisas acadêmicas:

(...) alguns usos sociais poderiam ser assinalados por: 1) adaptações de textos literários para a televisão, teatro, cinema, 2) por leituras não canônicas, ou seja, leituras não necessariamente ancoradas na história de leitura de textos produzida por críticos ou pela academia, 3) pela leitura de textos não canônicos sobre os quais pouco se sabe ainda hoje (leitura de romances cor-de-rosa, por exemplo, leitura de best-sellers e outros textos ficcionais que estão à margem do letramento literário escolar etc), mas que já começam a ser estudadas com mais ênfase por historiadores da leitura e do livro, 4) a apropriação de textos não produzidos inicialmente como textos ficcionais, mas que funcionam como tal diante de certos públicos que deles se apropriam numa atitude de gratuidade, estabelecendo com eles uma relação de ficcionalidade e de gratuidade, tais como matérias jornalísticas, depoimentos etc. (ZAPPONE, 2008, p. 53)

Nessas diferentes práticas de letramento, podemos observar finalidades bem distintas do cumprimento de tarefas solicitadas pelo professor. É bom lembrar que essas tarefas, muitas vezes, são cumpridas de modo satisfatório sem a efetiva leitura dos textos em questão.

A leitura crítica e competente é fundamental para a formação ética, política e emocional dos jovens. Sendo assim, é necessário investir em uma pedagogia crítica mais voltada para a formação do leitor do que para o caráter informativo que vem predominando em um ensino centrado em caracterizações de escolas literárias e na leitura de fragmentos de textos. É comum professores da Educação Básica trabalharem em escolas que enfatizam a memorização de conteúdos e a passividade dos alunos. Os professores de Literatura não constituem exceção.

Em seu livro *A literatura em perigo*, o teórico Todorov reivindicou que o texto literário volte a ocupar o centro do ensino de literatura, enfatizando que a experiência da

leitura deve preceder as análises críticas que adjetivam as obras e correm o risco de afastar o leitor (TODOROV, 2009). É preciso mostrar para o jovem que a literatura está viva. Para isso, os professores devem reavaliar constantemente as suas práticas. De acordo com António Nóvoa, “não é a prática que é formadora, mas sim a reflexão sobre a prática” (NÓVOA, 2007, p. 16). Essa reflexão, contudo, não pode constituir um esforço isolado.

3. A formação continuada do professor de Literatura

Seria muito pretensioso acreditar que os professores dos cursos de licenciatura podem identificar *a priori* tudo que os futuros professores precisam saber para ter sucesso com a grande variedade de alunos com os quais trabalharão e com os diferentes ambientes em que exercerão a sua prática. O conhecimento contextual leva os professores para além das estratégias da prática de ensino, obrigando-os a analisar as necessidades dos alunos dentro de vários contextos socioculturais, econômicos e políticos. Portanto, além da reforma curricular nos cursos de licenciatura, é imprescindível o investimento na formação continuada dos professores que estão atuando em escolas a fim de que se oportunizem novos momentos de refletir sobre o seu trabalho.

No programa de formação continuada do qual participo há três anos, os professores são oriundos da rede estadual do Rio de Janeiro e de alguns municípios desse estado. Levando em conta o fato de o ensino sistematizado da literatura só acontecer no Ensino Médio e também o fato de o município se responsabilizar apenas pelo Ensino Fundamental, a pesquisa se detém nos professores de Português ligados à rede estadual que vêm participando do programa.

O Currículo Mínimo elaborado pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro serve como referência a todas as escolas da rede estadual e tem por objetivo garantir uma base comum a todas elas. Para isso, apresenta as competências e as habilidades que devem estar contempladas nos planos de curso e nos planos de aula. Esse currículo que orienta as atividades pedagógicas dos professores com os quais convivo na formação continuada apresenta os conteúdos de literatura para o Ensino Médio de acordo com uma perspectiva historiográfica, a qual tem início na primeira série com a chamada Literatura de informação, os textos jesuíticos, a poesia barroca e assim sucessivamente.

São reclamações constantes desses professores a grande quantidade de conteúdo a ser trabalhado em uma única série, a falta de recursos para a produção de material didático, a inexistência de um trabalho em equipe disciplinar ou interdisciplinar, para que possam ser discutidas as experiências nas turmas de suas respectivas escolas, além da dificuldade dos seus alunos na leitura dos textos literários. Alunos que, em muitos casos, ainda não completaram satisfatoriamente o seu processo de alfabetização.

Anualmente um grupo de professores participa do Programa, que tem duração de sete meses e cujas atividades acontecem no espaço do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Além de atividades com as turmas de Ensino Fundamental e Médio do Colégio, esses professores, denominados residentes, participam de oficinas interdisciplinares e de grupos de leitura dentro de suas respectivas disciplinas. Ao final do Programa, precisam defender um Produto Final, que seja resultado das observações, da leitura e da troca de ideias e de material didático realizada com seus Supervisores, que são professores do Colégio Pedro II.

O termo “residente” foi tomado de empréstimo à Medicina e a proposta do Programa é, assim como na área médica, aproximar a teoria e a prática, contribuindo para a formação de professores que atuam em escolas públicas mais desafiadoras. Formar não é apresentar um modelo a ser seguido, e sim orientar o professor, agente no processo de sua própria formação, no sentido de refletir criticamente sobre sua atuação, buscar ações mais eficazes com seus alunos e construir sua identidade como um profissional.

Na avaliação do Programa de Residência Docente, um dos pontos positivos normalmente destacados pelos residentes é a troca pedagógica, que revigora, fortalece a auto-estima e, em alguns casos, leva o professor de volta aos bancos da universidade para fazer cursos de Pós-Graduação *strictu sensu*.

Ainda é cedo para termos avaliações mais precisas do impacto desse programa implantado no Colégio Pedro II de forma pioneira. Entre nossos propósitos, no entanto, está a realização de estudos acerca do letramento literário e da formação dos professores de literatura. Esses estudos precisam tomar por base o que os próprios professores entendem como objetivos para as práticas de leitura na escola, visto que esses objetivos nortearão suas ações.

4. Considerações finais

O principal argumento para se continuar a ensinar literatura é o de que a leitura literária é um direito de todos. Negar o contato com qualquer tipo de representação artístico-literária é privar o jovem de exercer sua humanidade plenamente. Considerando as dificuldades enfrentadas no Ensino Médio, profissionais da área dos estudos literários precisam enfrentar o desafio de buscar novos caminhos para o trabalho com o texto literário na Educação Básica.

Se a escola precisa rediscutir os objetivos e a relevância das aulas de literatura para os jovens de hoje, os cursos de licenciatura precisam ter clareza do que pretendem na formação do docente dessa área. Trata-se de um desafio para professores e pesquisadores.

Referências Bibliográficas

1. MEC/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. *Parâmetros curriculares nacionais*. Ensino Médio. Brasília, 1999.
2. MEC/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Orientações curriculares para o Ensino Médio*. Brasília, 2006.
3. NOVOA, Antonio. Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em 3 de outubro de 2014.
4. RAZZINI, M.P.G. *O espelho da nação – a Antologia Nacional e ensino de português e de literatura (1838-1971)*. Tese (Doutorado) – Instituto de

Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

5. SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
6. _____. A escolarização da leitura literária. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Heliana Maria Brina & MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). *Escolarização da leitura literária – o jogo do livro infantil e juvenil*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
7. SOUZA, Roberto Acízelo de. *Introdução à historiografia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007
8. TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
9. ZAPPONE, Mirian H. Y. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. *Revista Teoria e Prática da Educação*. v. 11, n. 1, p. 46-60, jan./abr. 2008.

...

...

ⁱ Profa. Dra. Ana Cristina Coutinho Viegas - Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II

E-mail: anacristinaviegas@terra.com.br